

Apontamentos para uma História do Design Gráfico no Brasil – o caso do Pará – Levantamento das empresas tipográficas do Pará entre 1820 e 1850

Notes for a Graphic Design History in Brazil - the case of Para State - Survey of printing companies in Pará - 1820 and 1850

Guilherme Cunha Lima, Edna Lucia Cunha Lima, Fernanda de O. Martins

História do Design, Tipografia, Imprensa, Pará.

Este artigo apresenta os primeiros resultados do levantamento sobre a história das empresas gráficas no Estado do Para no período entre 1820 e 1850. Ao mesmo tempo situa historicamente os fatos ocorridos na região para que seja possível o entendimento do surgimento da primeira oficina gráfica em Belém, a oficina de Francisco Madureira Pará, e as subsequentes. Para a análise e a quantificação das oficinas surgidas no período, baseou-se em cronistas da época e catálogos da Biblioteca Arthur Vianna. Por fim analisa a dinâmica ocorrida através dos jornais impressos no período.

Design History, Typography, Printing, Pará

This article presents the first results of the survey on the history of printing companies in the state of Para in the period between 1820 and 1850. Also discusses the historical facts occurred in the region at that time in order to understand the emergence of the first printing office in Belem, the workshop of Francisco Madureira Pará, and the ones that followed. For the analysis and quantification of the workshops that arose in the period, the research was based on contemporary chroniclers and catalogs of the Library Arthur Vianna. Finally, analyzes this first period's dynamics through the printed newspapers.

Apesar do recente impulso nas pesquisas relativas ao campo da História do Design (e da tipografia) no Brasil, Guilherme Cunha Lima (1987), Edna Cunha Lima (1998, 2007, 2011), Rafael Cardoso (2005, 2009), Priscila Farias (2011) ainda é bastante limitada a atenção dada ao Pará. Mesmo a bibliografia existente sobre a História da Imprensa ou do livro, Rizzini (1945), Hallewell (2005), Werneck Sodré (1966) entre outros, reservam à região não mais que poucos parágrafos. Rafael Cardoso em *Origens do Projeto Gráfico no Brasil* (2009) afirma que "não existe objeto gráfico sem planejamento", concluindo que "a noção de projeto é intrínseca à fabricação de impressos". Essa noção norteia o presente artigo que apresenta um levantamento inicial, seguido da descrição das primeiras oficinas gráficas no Pará.

1 Portugal - Pará - laços estreitos de dominação

O Norte do País sempre recebeu especial atenção de Portugal, o que pode ser confirmado pelas estratégias de ocupação para a região. Compreender a estreita ligação do Pará com Portugal é fundamental para o entendimento dos fatos relacionados ao surgimento e desenvolvimento da tipografia na região.

Em 1624, movido por interesses econômicos nas "drogas do sertão", Portugal criou o

Anais do
6^o Congresso Internacional de Design da Informação
5^o InfoDesign Brasil
6^o Congic
Solange G. Coutinho, Monica Moura (orgs.)
Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI
Recife | Brasil | 2013

Proceedings of the
6th Information Design International Conference
5th InfoDesign Brazil
6th Congic
Solange G. Coutinho, Monica Moura (orgs.)
Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI
Recife | Brazil | 2013

Estado de Maranhão e Grão-Pará, com sede em São Luís, ligado diretamente ao Reino. Além disso, numa época em que o transporte principal era o navio, a maior proximidade de Portugal com a região Norte fortaleceu a presença lusitana na área. Segundo João Meirelles (2004) este fato é relevante pois “a colônia, diferente de Minas Gerais, Rio de Janeiro ou São Paulo, não precisava passar pela administração de Salvador, Bahia como intermediário do poder luso, Belém e São Luís são administradas diretamente por Lisboa.”

No século XVIII, a política do Marques de Pombal para Amazônia levou a um grande desenvolvimento na região:

A Companhia Geral do Comercio do Grão Pará e Maranhão que, de início, sofreu a oposição dos jesuítas que ficaram prejudicados com a sua criação, foi extinta em 1778. Durante os 22 ou 23 anos de suas atividades, foram financiadas experiências agrícolas, incremento da pecuária e a construção de embarcações. Seus estaleiros, em Belém, fabricavam barcos que tanto navegavam para Mato Grosso e Goiás, quanto para Lisboa. Além disso a colônia foi suprida pela mão de obra africana, o que não impediu que burlando as leis existentes, colonos e diretores de povoações escravizassem os indígenas. (OLIVEIRA, 1983: 210)

Como consequência, a segunda metade do século XVIII se caracterizou como um período de crescimento econômico, com o incentivo da agricultura do anil, arroz, café, cana, algodão, cacau, além dos produtos de subsistência como a mandioca, base da alimentação indígena. No entanto os produtos de maior interesse econômico eram as “drogas do sertão”, que atraíam o forte interesse das outras nações pela Amazônia, a partir da exportação para a Europa.

A cidade de Belém, centro de poder e porta de saída de mercadorias para Portugal, já se tornara, então, portadora de importante classe agrária e comercial. Fundada em 1616, “recebe ao final do século XVIII uma série de melhorias a partir dos planos dos portugueses de ali instalar uma capital ultramarina” (MEIRELLES, 2004:122).

Segundo Adélia Ingratia de Oliveira em seu texto *Amazônia - Ocupação Humana*:

A política de ocupação de Portugal para a Amazônia demonstra a importância que esta região representava para a metrópole, o fato de o estado do Grão-Pará ser autônomo, vinculado diretamente a Portugal, trouxe várias implicações para a integração da região ao Brasil Império.

Antes da Independência, já se formara na Amazônia uma classe agrária, com forte sentido nacionalista e esse assunto era aí discutido. Mas depois da proclamação, em setembro de 1822, os portugueses tentaram manter o Estado do Grão-Pará e Rio Negro sob o seu domínio, o que foi em parte facilitado pelo fato dessa região, além de ser em sua maioria habitada por índios ou seus descendentes, constituir um forte reduto lusitano. Assim as autoridades aqui sediadas continuaram a prestar fidelidade a coroa portuguesa e essa área era a única do Brasil que se mantinha politicamente ligada à metrópole. (OLIVEIRA, 1983:215-216)

Em razão da fidelidade dos governantes portugueses que se encontravam no poder e dos interesses de uma classe dominante de brasileiros com aspirações liberais, os conflitos no Pará começaram a acontecer antes mesmo da Independência. Os ânimos se aqueceram por da ocasião da Revolução Liberal do Porto, iniciada em agosto de 1820, que provoca o retorno de D. João VI à Portugal em abril de 1821 para a instalação da Assembléia Constituinte nas Cortes. Ao voltar à Portugal, D. João deixa D. Pedro como Príncipe Regente.

Desta forma, a partir do entendimento da ocupação portuguesa na Amazônia, da importância de Belém e seu vínculo com Portugal à época da Colônia, é possível compreender as bases em que se deu o início da tipografia no Pará.

2 O surgimento da Imprensa no Pará

A permissão para a impressão no Brasil ocorreu somente após a vinda da família real portuguesa, em 1808, com a instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro. A partir de 1820, com o fim da censura prévia no período que antecede a independência do Brasil, inicia-se o processo de instalação de tipografias privadas em diversos pontos do país. O Rio de Janeiro, centro do governo, naturalmente concentrou o maior número das casas tipográficas. Segundo Rizzini (1945), entre 1822 e 1823 seis oficinas foram fundadas nesta cidade. No entanto, não foram as primeiras do país, pois em 1811, em Salvador, surgira a tipografia de Silva Serva, a primeira particular autorizada, seguidas de outras em Recife, São Luís e Belém.

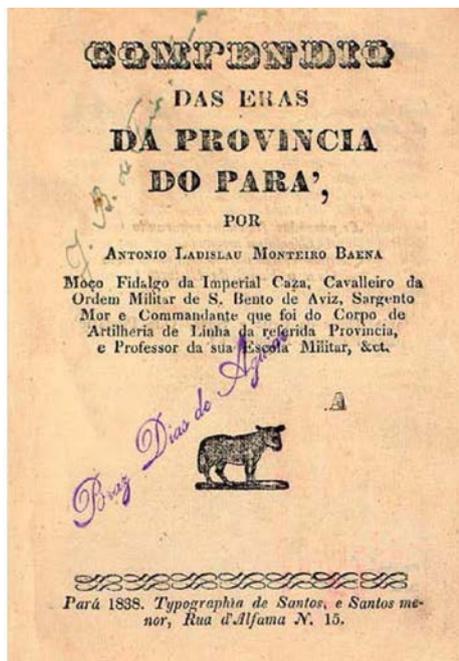
Até a independência surgiram no reino americano mais a seguintes tipografias: a de Manoel Antônio

da Silva Serva na Bahia, 1811; a de Ricardo Rodrigues Castanho, no Recife, 1815, que só funcionou em 1817, durante a Revolução, e após 1821; a instalada no Maranhão, 1821 pelo Governador Bernardo Silveira, a montada por Daniel Garção de Melo em Belém do Pará, 1821, por iniciativa de Felipe Patroni; e as duas já referidas de Vila Rica, a Patrícia e a Provincial. (RIZZINI, 1945:322)

É neste mesmo período de 1820, que tem início no Pará a atividade na área gráfica, relacionada a questões políticas, mais precisamente durante a Revolução Liberal do Porto. O Pará, cuja ligação com Portugal era muito estreita, relutava em aderir ao Brasil independente, tornando-se palco de intrigas e conflitos entre os portugueses, que estavam no poder, e os brasileiros da classe rural e comercial, recentemente estabelecida. O ápice deste confronto foi a Cabanagem, entre 1835 e 1849, a mais cruel revolta nativista do Brasil Império. Os brasileiros, não só os da classe abastada, mas a população trabalhadora, os pobres e os índios destribilizados que moravam em cabanas, na periferia das cidades, se juntaram contra os governantes, que estavam contra a independência, em uma luta sangrenta que resultou com a morte de 40% da população da época. Ainda assim, a primeira oficina tipográfica a imprimir no Pará foi anterior a esse período de intensa movimentação política, iniciando-se um pouco antes. Deste fato temos notícia através da obra do militar e historiador Antonio Ladislao Baena, que em 1838 publicou o *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Baena afirma que João Francisco Madureira Pará, em 28 de maio de 1821, apresentou requerimento impresso à Junta do Governo, nos termos a seguir:

Apresenta Joaõ Francisco de Madureira Pará, natural do mesmo paiz e Amanuense da Contadoria de Junta da Fazenda, à Junta provisoria do Governo um requerimento impresso em um prelo que elle mesmo organisou, abrindo os ponçoens moldando os caracteres alfabeticos, fundindo os typos e dirigindo o trabalho, só pelo estudo de algumas estampas estrangeiras, e não por ter visto este genero de maquina, nem por ter noçoens praticas da arte de imprimir isto he da arte de tirar facilmente numerosas copias dos discursos escriptos. No ditos requerimento expressou que não obstante a falta de proteção e de necessários conhecimentos tentara formar um prelo para suprir a carencia que delle tinha a sua patria: e que tendo a obra quase acabada a collocava sob o favor da Junta Provisória, e pedia que não só lhe concedesse licença para entrar no destinado lavor mais ainda que galardasse a sua empresa se por ventura ella disso for merecedora. Ja antes deste requerimento elle havia supplicado a mesma junta subsidio em que se estribasse a despesa de seu ensaio Typografico: e obtendo meios que não podiao emparelhar com os gastos recorreo ao negociante Francisco José Gomes Pinto, que vio a Imprensa e ministrou-lhe logo cento e vinte mil reis. Depois conseguiu uma subscrção de cento e dezoito pessoas, que composeraõ a quantia de sete centos e oitenta mil duzentos e sessenta reis. (BAENA.1838:526)

Figura 1: Página de rosto – *Compêndio das Eras do Pará*, Antonio Baena (Fernanda Martins)



Importante notar que Madureira já havia requerido ajuda para sua tipografia, que não foi suficiente, tendo obtido ajuda de um comerciante, 'que a viu', e de subscritores para finalizar

sua empreitada e apresentar o tal requerimento impresso. Madureira nos conta, em seu folheto *O despotismo esclarecido ou a verdade denodada* que, após apresentar-se à Junta, chegou a imprimir documentos e ainda ‘*uns mil impressos*’. No mesmo documento, afirma que solicitou da Junta do governo auxílio de três carpinteiros, e dois ourives, e também a autorização para fazer uma peça de aço. Cita também que foi prontamente atendido e que pagou pessoalmente pelos serviços, o que indica que Madureira estava ciente da complexidade de tal obra.

O funcionamento da tipografia de Madureira segue recontado por diversos historiadores como Rizzini (1945:325) Sodré (1966:36), Halewell (2005:129,192) sem, no entanto, ser citado como marco fundador da história da impressão no Pará, talvez pela dificuldade em encontrarmos referências materiais de sua atuação, para além das referências literárias.

Segundo Edna Cunha Lima é tradicional que a história da impressão seja marcada pelo início da produção de livros ou jornais, objetos de maior prestígio, obscurecendo o fato de que as tipografias operavam na produção de efêmeros para a administração pública, para os serviços ou mesmo cartas de jogar:

Portanto, tradicionalmente, mesmo que anterior, a impressão de material efêmero não costuma ser considerada como o início da imprensa nos países ocidentais, que conta geralmente como data inaugural aquela que se refere ao primeiro livro. No entanto, outros materiais próprios para comunicação visual já estavam sendo duplicados mecanicamente sem alarde, para uso no cotidiano. As cartas de jogar, por exemplo, têm uma longa história, de origem humilde, no campo da diversão e do lazer. (LIMA, 2000)

Talvez seja esta a razão pela qual os historiadores contemporâneos terem dedicado a iniciativa de Madureira pequenos parágrafos, enquanto Baena, cronista contemporâneo do tipógrafo, considerou importante incluir a presença de uma tipografia no Estado em sua narrativa sobre os momentos significativos da época.

3 Metodologia

A partir de levantamento bibliográfico realizado em livros de cronistas da época, no catálogo *Jornais Paroaras* (1985) da Biblioteca Pública do Pará e do levantamento da imprensa naquele estado realizado por Netília Seixas (2011), foi possível relacionar um total de 16 oficinas tipográficas em funcionamento no Pará entre 1820 e 1850. Depois de Madureira, a primeira delas, comprada em Lisboa, foi a Imprensa Liberal de Daniel Garção de Mello,

Em seu início, as oficinas tipográficas no Pará estavam profundamente ligadas à divulgação de ideais, a serviço da política local. Por esta razão, foi possível levantar sua existência através do surgimento dos jornais. Este cenário segue por toda década de 1820. Na década seguinte, os jornais são fator impulsionador da revolução popular da Cabanagem, que se inicia em meados de 1833, com a duração de 5 anos. É revelador que somente em 1838, com o final das lutas, é impresso na Tipografia de Santos e Santos Menor o primeiro livro paraense, exatamente o *Compendio das Eras da Província do Pará*, de Antonio Baena, uma narrativa histórica sobre o Pará desde 1615 até 1823.

Examinando as 30 denominações de tipografias encontradas, foi possível identificar que muitas são as mesmas oficinas que apenas mudaram de proprietário, ou de partido político. Com isso conclui-se que o número total pode ser reduzido, no período entre 1820 e 1850, a quinze oficinas. A quantidade de títulos de jornais é expressiva se comparada ao número de oficinas: entre 1822 e 1830 contamos três oficinas distintas (excluindo-se aqui a de Madureira, que não imprimiu jornais) e dez títulos. Por outro lado, na década de 1830, temos onze órgãos de imprensa e quatro oficinas. Neste caso, verificamos o acréscimo de, provavelmente, uma a mais além das 3 existentes, embora, acompanhando apenas os nomes das gráficas, essa quantidade seja aparentemente maior. Finalmente, assim que a paz se estabelece, permitindo o crescimento econômico, é possível encontrar nove oficinas, entre 1840 e 1850 sendo que surgiram 22 jornais diferentes. Além disso, as relações de jornais publicados existente na bibliografia consultada apresentam títulos sem indicação das tipografias em que foram impressos. Portanto, ao longo do trabalho, é possível que ampliemos esta quantidade inicial.

4 As tipografias no Pará entre 1820 e 1850

As oficinas foram identificadas pelo editor, pelo endereço, pela data de publicação dos jornais. O cruzamento destes dados permitiu que realizássemos a listagem apresentada no artigo. São as seguintes oficinas existentes no Pará, nestes 30 anos, ordenadas pela data de abertura, de acordo com a pesquisa até o momento:

- **1ª Tipografia** - A primeira tentativa de utilizar a tipografia no Pará se deu através de João Francisco Madureira Pará que, em 1821, sem treino ou conhecimento prático, apresentou à Junta Governativa em 28 de maio um despacho impresso em sua oficina tipográfica requerendo licença para 'poder entrar no livre exercício da Officina &c.', a qual seguiu o próprio:

...eu mesmo abri poções, moldei os caracteres, fundi os Typos, e dirigi os trabalhos da Maquina, e ultimamente organizei a Imprensa pondo-a em estado de poder trabalhar...

Este requerimento encontra-se citado em folheto que o mesmo manda imprimir em Lisboa para entregar à Corte quando lá esteve com objetivo de solicitar diretamente a licença para operar: *O despotismo desmascarado ou a verdade denodada dedicado ao memoravel dia 1.º de janeiro de 1821, em que a provincia do Grão-Pará deo principio á regeneração do Brazil offerecido ao soberano congreço da nação portugueza pe b patriota paraense João Francisco de Madureira Pará, amanuence da contadoria da junta da fazenda nacional e real daquella provincia; e nascido na sua capital a 12 de outubro de 1797.* Publicado em 1822 na Typografia de Desiderio Marques Leão, em Lisboa.

Segundo Madureira na mesma obra, foi muito bem recebido pelo presidente e demais membros da Junta, que lhe fizeram elogios, e chegou a imprimir:

...alguns papeis gratuitos para o expediente da Secretaria do mesmo Governo; e offerecer para mais de mil Impressos aos meus Compatriotas que deraõ me testemunhos, de estima e amizade, e avaliando as minhas circuntancias de que tinham cabal conhecimento, e sem se exemirem prestaraõ-se a concorrência de huma espontanea Subscrição, com a qual pude reçarcir o que devia..."

Figura 2: O Despotismo desmascarado, de João Francisco Madureira (Fernanda Martins).



Madureira nunca havia saído do Pará e desenvolveu sua tipografia sem ter sido treinado, segundo ele "através de observação e estudo de algumas estampas que poderão chegar ao meu conhecimento" (PARÁ:1822:73) Sua licença para operar não foi publicada e em setembro do mesmo ano, apresenta novo requerimento onde pede afastamento sem vencimentos de suas funções de amanuense e segue para Lisboa em 1822 para solicitar Licença ao Rei, e ao mesmo tempo:

...instruir-me no mais fácil mecanismo, e preceitos geométricos, que sejam anexos a huma Typographia, para assim poder com exactidão continuar no progresso da mesma.”.

Assim, ao que tudo indica, Madureira não só exerceu o ofício da impressão com tipos móveis, mesmo que por pouco tempo, como também percebeu que necessitava de mais conhecimentos de projeto, de composição, que ele chama de “preceitos geométricos”.

- **2ª Imprensa Liberal de Daniel Garção de Mello e Cia** - A Imprensa Liberal de Garção de Mello imprimiu o primeiro jornal do Pará, *O Paraense*, cujo número inicial foi distribuído em 22 de maio de 1822. A tipografia fora adquirida da Imprensa Nacional em Lisboa por Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, Domingos Simões da Cunha, Baptista da Silva e o tipógrafo Daniel Garção de Mello. Foi instalada em casa particular à Ilhargá do Palácio, atual Rua Tomázia Perdigão.

Segundo o *Catálogo de Jornais Paroaras* (1985), vieram com o prelo, além de Daniel Garção de Mello, tipógrafo e impressor, os tipógrafos Luiz José Lazier, francês, e o espanhol João Antonio Alvarez. Patroni foi impulsionado pela vontade política na sua compra. Inicialmente favorável à união de Brasil e Portugal, se decepcionou quando, assistindo aos debates da Assembléia Constituinte no Porto, se deu conta de que os portugueses desejavam que o Brasil retornasse ao status de Colônia. Voltando a Belém, partiu para uma oposição ao governo pró- portugueses através de artigos no jornal de sua responsabilidade, *O Paraense*. A situação agravou-se devido à posição crítica do jornal, sendo Patroni afastado e deportado para Lisboa. No entanto, a linha política de oposição foi retomada pelo Conego João Batista Gonçalves Campos, que assumiu a redação do jornal, auxiliado por Batista da Silva "Camecran".

Figura 3: O Paraense (Fernanda Martins).



A oficina imprimiu outros jornais depois que seus proprietários foram obrigados a abandoná-la em março de 1823, Patroni fora deportado para Lisboa e o Conego João Baptista Gonçalves Campos, que o substituiu, fora preso e levado para o interior.

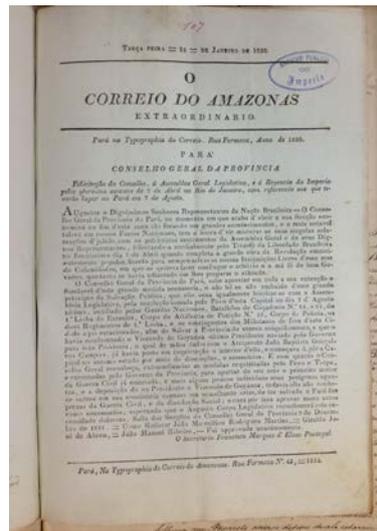
A oficina foi então tomada, sem o consentimento de seus proprietários, pelos portugueses e imprimiu o jornal *Luso-paraense* (1º de abril de 1823), desta vez tendo como redatores o tipógrafo francês Luiz José Lazier e o tipógrafo José Ribeiro Guimarães, defendendo de novo a união do Pará a Portugal. A oficina assumiu diversos nomes entre 1822 e 1830 como **Oficina de Daniel Garção, Imprensa Imperial e Nacional, Imprensa Constitucional de Daniel Garção de Mello, Imprensa Nacional, Typ. Nacional e Imperial.**

Foram impressos nesta mesma oficina, além d’*O Paraense* os seguintes jornais: *O Luso-paraense*, *O Independente*, *O Liberal*, *A Voz das Amazonas*, *Telegrapho Paraense*, com diversas orientações políticas.

- **3ª Typographia de Alvarez** foi a terceira oficina tipográfica, de João Antonio Alvarez. Imprimiu os seguintes jornais: *O Sagitário* em 1829, *A Opinião* em 1831 e *O Echo Independente* em 1831-32, todos conservadores.
- **4ª Typographia d’O Sagitário**, a quarta tipografia a ser fundada em Belém, em 1829. Imprime o jornal *O Sagitário*, redigido por José Luiz Lazier, igualmente conservador.
- **5ª Typographia da Camara Municipal** imprimiu, em 1831, o *Orpheo Paraense*, redigido

pelo Cônego João Baptista Gonçalves Campos, que já havia retornado para Belém, defendendo as ideias liberais. Impresso na tipografia da Rua dos Cavalleiros, 46 (atual rua Dr Marcher).

▪ 6ª



Typographia Correio do Amazonas ou **Typ. do Correio do Amazonas**, na Rua Formosa 43, na qual o tipógrafo José Ribeiro Guimarães imprimiu o *Correio do Amazonas* (1832-1834) e o *Correio Official Paraense* (1834-1835). Este último era dirigido pelo Padre Gaspar de Siqueira Queiroz, que servia aos conservadores atacando Batista Campos e no jornal *Sentinela Paraense na Guarita do Pará*.

Figura

4: O Correio do Amazonas (Fernanda Martins).

▪ 7ª **Typographia Philanthropica**, depois **Typ. Federal dos Verdadeiros Liberais** tipografia de Batista Campos, imprimiu *A Luz da Verdade* (1832-1833), *O Paraguassú* (1832-1833), *O Publicador Amazoniense* (1833-1834), e *Sentinela Paraense na Guarita do Pará* (1834). Este último jornal era redigido pelo panfletário jornalista Vicente Lavor Papagaio. São todos jornais favoráveis aos Cabanos. A morte de Batista Campos em 1834, se deu no ano em que tem fim a Cabanagem.

▪ 8ª **Typographia Restaurada**, fundada em 1837 por Honório José dos Santos. Esta gráfica assume depois várias denominações: **Typographia Santos e Menor**, **Typographia Santos e Irmão**, **Typographia Santos e Filho**. Ao que parece, é a primeira oficina tipográfica com objetivos não políticos, embora a serviço do governo. Imprimiu a *Folha Commercial do Pará*, entre 1837 e 1840, que foi substituída pelo *Treze de Maio*. Este jornal, que circulou de 1840 a 1862, foi contratado pelo Presidente da Província para publicar discursos, legislação, decretos das autoridades (expediente de Governo), movimento dos portos (entrada e saída de embarcações), anúncios de vendas e movimento da Alfândega, além das notícias. É o primeiro jornal de longa duração da Amazônia. Essa oficina toma a iniciativa de editar livros e imprime o primeiro livro de maior importância do Pará, o *Compendio das Eras da Província do Pará* de Antonio Ladislau Monteiro Baena. Instalada na rua da Alfama, 15 e depois na rua São João, esquina da Estrada de São José (atual 16 de novembro).

Figura 5 e 6: Treze de Maio, edições de 1844, 1845 e 1849 (Fernanda Martins).



- **9ª Typographia de J. H. da Silva**, situada no largo dos Quartéis, avenida Mongubeiras (atual avenida Tamandaré), imprimiu os seguintes periódicos: *O publicador Paraense*, entre 1841 e 1853, *O Paraense*, em 1842, *O Doutrinário*, entre 1848 e 1849, *O Echo Independente*, 1848 -1849, *O Tolerante* em 1848 e *O Contemporâneo* em 1849.
- **10ª Typographia F. J. Nunes**, é a segunda oficina a imprimir *O Paraense*, em 1844, *O Tribuna do Povo* entre 1844 e 1845, órgão dos conservadores.
- **11ª Typographia Monarchista de J. A.**, a segunda oficina a imprimir *O Tribuna do Povo* (1844-1845).
- **12ª Typographia de Santarém e Filho, Typ. Da Viuva Santarém**, situada na rua dos Mártires, 3, atual rua 28 de Setembro. Imprimiu, *A Gazeta Mercantil*, em 1847, *O Teo-teo*, órgão crítico e humorístico, entre 1848-1849, *O Planeta*, entre 1849 e 1853.
(Esse órgão literário e comercial, cujo editor, Raimundo José de Almeida Couceiro, funda depois sua própria tipografia, passando a imprimi-lo). *O Velho Brado do Amazonas*, entre 1850 a 1853, é uma publicação conservadora de seu proprietário José Bernardo Santarém, que depois passa a ser impressa nas seguintes oficinas: **Typographia de J.E.F Guimarães, Typographia de J.J. Mendes Cavalleiro, Typographia commercial do Diário.**
- **13ª Typographia de A. P. Benjamim**, instalada na Travessa da Estrela, casa 6, onde imprime *O Echo Independente*.
- **14ª Typographia de JBS e Filho** que imprimia *O Doutrinário* de João Antonio Alves.
- **15ª Typographia Couceiros e irmão**, situada na Rua São Vicente imprimiu *O Planeta* (1849 a 1853), *O velho Brado do Amazonas*, de 1850 a 1853. Esta oficina passa a denominar-se **R.J de A Couceiro** e imprime *O Planeta*, de 1849 a 1853
- **16ª Typographia de Mendonça e Baena** situada na Travessa da Misericórdia, atual Travessa Padre Prudêncio, imprimiu *O Beija-flor* entre 1850 e 1851, *A Voz Paraense*, de 1850 a 1851, órgão religioso, científico e comercial. **Typ. de Baena e Irmão**, imprime *O Beija-flor* entre 1850 e 1851.

5 Conclusão

Neste levantamento preliminar foi possível perceber a relação entre as primeiras oficinas tipográficas e a divulgação de idéias políticas. Foi possível perceber o papel do Governo que favoreceu o estabelecimento da primeira tipografia, a de Madureira, assim como a sedimentação da industria gráfica do Pará em tempos de paz.

Este vínculo com a política faz com que as oficinas estejam ora ligadas ao governo, ora representem posições opostas aos portugueses. Entendemos também seu papel relevante na transmissão de informações em momentos de confronto como a Cabanagem.

O período politicamente agitado fez com que a grande maioria das tipografias tivesse curta duração. Mas ao seu final, já na década de 1830, encontramos outras, como a Santos e Filho que, passada a agitação da Cabanagem, inicia a edição de livros em Belém, em 1838

Agradecimento

Este artigo é resultado de pesquisa de doutorado na ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial sob orientação dos Prof. Guilherme Cunha Lima e Edna Cunha Lima, com apoio da FAPERJ.

Bibliografia

- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *A História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na Imprensa no Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004
- BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. *Compendio das Eras da Província do Pará*. Belém: Typographia Santos & Santos Menor, 1938.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO PARÁ. *Jornais Paraóaras: Catálogo*. Belém: Secretaria do Estado de Cultura Desportos e Turismo, 1985.
- BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (org). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010
- CARDOSO, Rafael (Org). *O Design Brasileiro antes do Design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naif, 2005
- COELHO, Geraldo M. *Anarquistas, Demagogos e Dissidentes; A Imprensa Liberal No Para de 1822*. Belém: Cejup, 1993.
- _____. *Letras & Baionetas; Novos Documentos Para a Historia da Imprensa no Pará*. Belém: CEJUP, 1989.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira – Tomo II – O Brasil Monárquico, 2º volume*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.
- LEAL, Phillipe José Pereira. Memória sobre os acontecimentos políticos que tiveram lugar no Pará em 1822-1823. In: *Revista Trimensal do Instituto Histórico do Brasil*, nº 22, Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de J. M. N. Garcia, 1859.
- LIMA, Edna Lucia Cunha ; FERNANDES, L. P. *Inovações tecnológicas e o estabelecimento da indústria gráfica brasileira no século XIX*. In: *Anais do III Congresso Internacional de Design de Informação*. Curitiba: SBDI, 2007.
- LIMA, Edna Lucia Cunha. *F.H. Carls, M.Dreschler, L.Krauss e C. Frese, alemães a serviço da litografia comercial em Recife in Estudos em design, Novo Hamburgo, 2000 v.2, p 839-847*.
- PAULA, Julieth, FERNANDES, Philipe, SEIXAS, Netília, Protagonistas da imprensa Paraense entre 1820 e 1830. *VII Encontro Nacional de História da Mídia*. 2011
- LIMA, Guilherme Cunha. *O Gráfico Amador*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1987.
- MADUREIRA, João Francisco, *Despotismo desmascarado ou a verdade denodada*, Lisboa: Typografia de Desiderio Marques Leão, 1822. Acessado em 17 de fevereiro de 2012.
- MARTINS, Fernanda de Oliveira. *Letras que flutuam: o Abridor de letras e a tipografia vitoriana*. Monografia de especialização – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, 2008
- MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita*. São Paulo: Anhembi, 1957.
- MEIRELLES, João Carlos de Souza. *Livro de Ouro da Amazônia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004
- MORAES, Rubem Borba de. *Bibliografia Brasileira*. São Paulo: [Edusp](#), 2010
- RAYOL, Domingos Antonio. *Motins Políticos, ou historia dos principaes acontecimentos políticos da história da Província do Pará; desde o anno de 1821 até 1835*. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1865.

- RIZZINI, Carlos. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil. 1500-1822*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1945
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SEMERARO, Claudia Marino e AYROSA, Christiane. *História da Tipografia no Brasil*. São Paulo: Museu de Arte, 1979.

About the author(s)

Fernanda de Oliveira Martins, Doutoranda ESDI, Brasil - fernandaforminform@gmail.com,
Edna Cunha Lima, PHD, PUC-RIO, Brasil - ednacunhalima@gmail.com,
Guilherme Cunha Lima, PHD, ESDI, Brasil - gecunhalima@gmail.com